

O PERIGO ALARANJADO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Vejo que a China quer conversar. Diz o jornal que o perigo de deflagração tornou-se menos imediato porque a China comunista encara a possibilidade de trocar idéias com os americanos. Essa notícia não me anima porque não vejo possibilidade de uma língua comum para as tais conversações. Não me refiro à dificuldade idiomática que separa o inglês do chinês, para a qual sempre existem dicionários e intérpretes. O que hoje divide o mundo são mais os idiomas espirituais de conceitos do que os sons e os sinais. Quando, por exemplo, o chinês disser, em chinês, que deseja libertar Quemoy, o intérprete traduzirá libertar por libertar, e os americanos talvez não entendam que os chi-

neses querem enquadrar a ilha na cortina de bambú.

Apesar do telegrama otimista, continuo intranquillo. A China é um país diferente dos outros. Tem problemas asiáticos que o ocidente não compreende. Sendo enorme, é superpovoado. Dizia-me outro dia Barreto Leite, que é um dos homens mais bem informados do mundo, que lá na China continental o governo está fazendo uma intensa propaganda do "birth-control", com cartazes sugestivos instalados nos logradouros públicos e com programas de conferências de divulgação. O chinês está oficialmente convidado a ser menos fecundo e mais cauteloso nos seus transbordamentos amorosos, que devem ser parecidos com os do ocidente, que nisto os homens continuam a manter certa universalidade.

Ora, um país que tem seiscentos milhões de habitantes e que se preocupa com a superpopulação, apesar de seus dez milhões de quilômetros quadrados, há de ter necessariamente uma peculiar maneira de encarar a guerra. Contra os nacionalistas ou contra os americanos, a guerra terá sempre a dupla vantagem de matar o inimigo e de matar o excedente que não conseguem reduzir com os tais conselhos e cartazes. Isto é o que aqui no ocidente chamamos matar dois coelhos com uma só cajadada, um coelho americano e um coelho chinês.

Povo com tais paradoxos inquieto, seja qual for o telegrama de hoje. O único consolo que nos vem do extremo oriente é a certeza de que ninguém tem mais medo da China do que a Rússia. Tio Sam, como se viu num desenho do Time, está ficando neurótico com a mania de que ninguém gosta dele; console-se sabendo que hoje, no mundo o não gostar é lei inversamente proporcional ao quadrado da distância. A China está para a Rússia como a América do Sul está para a do Norte, com a única diferença que lá não publicam a discórdia com a descarada franqueza que ainda existe no ocidente. Na verdade, porém, nem isto é consolo. A tensão entre os dois sócios da experiência comunista não é um elemento de tranquilização; ao contrário, é mais uma probabilidade de explosão. O mundo de hoje é terrivelmente redondo. Não quero tirar teu sono leitor, mas pensa que debaixo de teus pés, a uma distância de doze mil quilômetros, está em efervescência o imenso mundo vermelho e amarelo. Mistura as cores na palheta da fantasia, e aqui tens o moderno perigo cór de laranja.